

ESCOLA SECUNDÁRIA DE JOSÉ ESTÊVÃO

Podemos "... dizer à Europa que a civilização se amolda a todos os espaços... não é a vastidão do território mas o bom granjeio dele que faz a felicidade dos povos..."

José Estêvão

Mensário do 7º D

25 Maio 93

Nº 4

S U M Á R I O

- Um Guardião de Tradições 2
- Como vêem os Industriais o problema do Salgado 4
- O Salgado é Património 5
- Os viveiros de criação intensiva de peixe 7
- Reviver o Passado, a Arte na Vida 8

EDITORIAL

Há quase cinco meses atrás, enquanto pensávamos num tema para a "área-escola", alguém lembrou que o SALGADO DE AVEIRO estava um pouco esquecido na memória dos aveirenses, principalmente nos mais jovens. Todos concordámos, mas surgiu uma dúvida: como chamar a atenção das pessoas para este problema?... nada melhor que um jornal! Assim nasceu o SAL DE AVEIRO.

A partir daí, não parámos: visitámos o salgado, guiados por um seu apaixonado- Manuel Regalaser timo-lo como algo que nos pertencia, a nossa memória cultural, reconhecendo que, sem ela, ninguém vive; quisemos saber a sua história, pesquisámos vários documentos e descobrimos que a cidade nasceu com ele; fomos até às pessoas, ouvimos as suas opiniões - também elas têm saudades do salgado; não acabámos, todavia, por aqui. No dia 25 de Maio, "dia da escola," às 18 h, na sala 32, faremos um debate. Participarão todos os nossos convidados: Amádeu de Sousa, Amândio Canha, Ana Teia, José Luís Christo, Manuel Regala e antigas salineiras, pois, segundo o ditado, muitas cabeças pensam melhor do

que uma e não é de mais salientar que contamos com a tua presença. Aparece, aprende um pouco mais sobre um problema tão directamente ligado com a tua região, vem conhecer-nos, ver a exposição fotográfica e de trabalhos relativos ao salgado e dizer o que achas acerca da nossa actividade.

O SAL DE AVEIRO esteve sempre "em cima" de todas as acções do 7º D, respeitantes à área escola, para te contar tudo quanto se passava. Em cada um destes quatro números, em que pusemos

o nosso melhor, tínhamos como objectivo aperceberes-te de que o salgado é das tradições mais antigas de Aveiro e de alertar-te para que, se ninguém fizer nada, irá desaparecer.

A fim de que o nosso esforço não tenha sido em vão, pensa nisto! Engrossa a nossa voz!

APROVEITA, TU TAMBÉM, PARA REALIZARES A TUA QUOTA-PARTE.

AVEIRO MERECE-O!

Teresa Mafalda



"... Nós, os de Aveiro, mesmo no Céu, havemos de ter saudade do fresco panorama do sal, da faina dos marnotostismos, da graça ligeira das salineiras!"

Lima Vidal

UM GUARDIÃO DAS TRADIÇÕES

As fontes da Praça do Peixe e dos Arcos inspiram poeta



Amadeu Teixeira de Sousa, nascido em S. Gonçalo, mesmo junto à capela, no Outono, estação maravilhosa e de poentes extraordinários que o levaram a aguçar a sua sensibilidade e a produzir poesia. Foi técnico de contas. Fez a escola primária no Museu, uma escola admirável, frequentou o ensino secundário de Contabilidade na Escola Comercial e Industrial Fernando Caldeira. Foi convidado a escrever em jornais, primeiro no "Correio do Vouga", depois no "Litoral"; ultimamente tem colaborado, com crónicas e produções poéticas, em dezenas de jornais, revistas e ilustrações. Desde novo, concorreu a jogos florais, ganhou prémios, em Lisboa e integrou o júri das canções para a Eurovisão. É oficial da Confraria de S. Gonçalo.

Ana Sara
Ana Sofia
Cátia
Rui

S.A. - Sr. Amadeu de Sousa, conhecemo-lo sobretudo através das suas redondilhas, mas gostaríamos de saber mais acerca da sua formação e interesses, uma vez que é uma personalidade muito culta e querida das pessoas, quer da Beira-Mar quer de toda a cidade. Desde quando começou a gostar de escrever?

A.S. - Ora bem, surgiu na escola secundária, com as quadrazinhas, passadas por baixo das carteiras, para as colegas e, a partir daí, desenvolveu-se e comecei a concor-

rer a festivais poéticos, a ganhar diplomas, fui-me entusiasmando cada vez mais e a produção não tem parado.

S.A. - Recorda algum facto que o tivesse levado a escolher esse caminho?

A.S. - Não, eu acho que a poesia estava comigo e há um momento em que desabrochei e toda aquela sensibilidade, que possuo e que estava em mim interiormente, abriu-se e comecei a escrever naturalmente. Sai-me de repente um poema... claro, passo muitos dias, meses e meses, que não escrevo nada, é preciso a inspiração surgir mas, quando às vezes aparece, aquilo é como quem está a dar à torneira.

S.A. - Tem filhos? Desejaria que eles continuassem a sua arte?

A.S. - Tenho um casal e três netas. Desejaria, mas para já só as netas é que poderão vir a ser poetisas.

S.A. - Já obteve apoio de outras pessoas ou entidades para ver concretizados os seus anseios?

A.S. - Tenho tido, realmente, apoios, muitos convites, enfim, tenho escrito muito sobre a nossa cidade e daí ter sido galardoado, no ano passado, com a medalha de prata da Cidade, no dia de Santa Joana e, portanto, estou sempre aberto a tudo que seja falar de Aveiro, a qualquer tipo de divulgação, de iniciativa. Estou sempre pronto a colaborar, por exemplo em recitais de poesia.

S.A. - Na sua actividade de poeta, o que é que mais o incentivou?

A.S. - Ora bem, primeiro foi para estudar os poemas amorosos e, só mais tarde, é que surgiu o encanta-

mento pela cidade. Depois, e à mistura, uns poemas um pouco mais filosóficos. Tenho um livro de pensamentos inéditos, mais dois livros de poemas também inéditos. Estriei-me em 59 com **Dois Mundos Diferentes**, na altura do Milenário da cidade; em 63, **Conflito**, depois surgiram **As Redondilhas de S. Gonçalo**, que se esgotou rapidamente e a Câmara fez uma segunda edição; também este livro, de gastronomia, tudo poemas sobre Aveiro, **Aveirismos Salpicados com Poesia**, da Confraria de S. Gonçalo.

S.A. - Qual é o local de inspiração?

A.S. - Quando era estudante, fiz muitos versos no parque. Estou a ver-me, lá dentro, debaixo de uma árvore - esse sítio já não existe - e, do outro lado, em frente ao célebre Homem Christo. Fiz muita versalhada aí, depois, empreguei-me e comecei a escrever em casa, de dia ou de noite, dentro do carro na Barra, na Costa Nova, em qualquer lugar.

Já conheço alguns países, mas à Grécia nunca fui e, na antiga Grécia, como se sabe, no Olimpo, quem bebesse a água da fonte Hipocrene transformava-se em poeta. Ora, eu à Grécia nunca fui, mas bebi a água da fonte da Praça do Peixe, de 1876, e da Fonte dos Arcos e enchi centenas de canecos em ambas as fontes quando havia aqueles períodos de seca. Eu era miúdo e estava ali a ver por piada. Portanto, a minha fonte não foi a grega, foram as aveirenses.

S.A. - O seu gosto pela pesquisa

irá conduzi-lo a novos projectos?

A.S. - Sim, eu neste momento, estou de volta de um livro que intitulo **Velas Belas**, são pinceladas, poemazinhos muito pequeninos sobre as velas da nossa Ria.

S.A. - Uma vez que se aposentou, não tem saudades da sua profissão?

A. S. - Tenho... tenho, porque foram muitos anos de convivência. Convivi com muitas pessoas, com belíssimos colegas na profissão mas, por outro lado, foi um trabalho insano, pois trabalhar com números tem o seu aliciante mas é cansativo e eu estive à beira de um esgotamento cerebral na altura, tive necessidade de ir para a invalidez três anos antes do limite de idade.

S.A. - Se hoje pudesse voltar atrás no tempo, seguiria o mesmo trajecto na vida?

A.S. - Eu acho que sim, seguiria. É claro, atenção, os meus voos, o que eu pretendia, eram mais elevados mas, por determinadas circunstâncias, não consegui chegar lá. Foi por diversas contrariedades num certo período de vida dos meus pais, e aquilo que eu tinha em mente alcançar, não consegui. Tenho pena, claro, não passei do ensino secundário. Eu gostaria de ir muito mais além, vontade não me faltava, trabalhei de dia, estudava à noite com afinco, com belíssimos professores que me apoiavam. Naquela vontade tremenda de saber mais, aprender mais, às vezes entrava com meia hora de atraso e eles reconheciam que eu tinha uma vontade de tal ordem que não marcavam falta nem nada. Só pedia licença e entrava. Mostravam-me reconhecimento pelo esforço e trabalho que eu desenvolvia. Entre eles, um

grande professor, Dr. Amadeu Cachim, que foi meu professor de Português e de Francês e que observava "este rapaz está rico, tem uma força de vontade e um entusi-

É necessário que a juventude seja incentivada para a cultura

asmo!..." E eu desdobrava-me. Era imparável.

S.A. - Que mensagem quer transmitir à juventude, através do nosso jornal "SAL DE AVEIRO"?

A.S. - É necessário que a juventude seja incentivada para a cultura. Anos atrás, tivemos a Tertúlias no Trianon, no tempo de Mário Sacramento e no Arcada. Passaram por lá grandes vultos como Egas Moniz, Ferreira de Castro.

De certa maneira, hoje, a Confraria de S. Gonçalo tem divulgado as tradições aveirenses no país e no estrangeiro e somos sempre muito solicitados.

S.A. - Sobre o Salgado, tem alguma opinião?

A.S. - Ora bem, eu nesta altura, não sei se temos uma dúzia de marinhas em actividade, as tais "janelas do céu" do Almada, mas é pena... é pena! Talvez haja outros valores a preservar. A piscicultura não sei se resulta. Andam aí os estrangeiros... mas eu não estou muito dentro desse esquema como está, por exemplo, o Manuel Regala. Realmente é triste, é muitíssimo triste! Só aquela panorâmica de centenas de cones a brilhar!...

S.A. - O senhor e outros aveirenses, que defendem tanto o nosso património, não achava que, com os jovens alertados, poderíamos criar um grupo de defesa da manutenção, pelo menos cultural-

mente, de um grupo de salinas?

A.S. - Apoio isso perfeitamente. Acho que é de pensar que esse movimento tem que ser criado, para que uma parte de nós próprios não morra connosco quando o salgado desaparecer...

Nem que amanhã tenhamos apenas meia dúzia de marinhas, a trabalhar com voluntários, pois é uma coisa ancestral que vem da

Mumadona.

S.A. - Esperemos, então, que esse grupo se forme. Quer recitar algum poema mais do seu agrado?

A.S. - Eu começaria por este:

O SER DE AVEIRO

Que ser especial o ser de Aveiro!
Nascido junto à proa ou mesmo à ré
De uma bateira ou barco moliceiro,
Batizado com a água da maré
Num amplo respirar de corpo inteiro,
De mística invulgar, altar de Fé,
Em cada veia o sangue de um esteiro,
De amarras de nortada feito até,
Mescla de sol e sal e maresia,
De alma a transbordar de mar e ria
Num céu ímpar de azul, alacridade,
Candelabros de mastros e de velas
De mágicos poentes, aguarelas
Num berço a baloiçar de eternidade.

O ser filho de Aveiro é ser-se dono,
Ouvir bem alto a voz do seu patrono
Num grito triunfal de liberdade!

A.S. - Já agora, se me dão licença, gostava de dizer este poema, um dos tais feito dentro do carro nas Pirâmides, a contemplar a nossa maravilhosa cidade:

TORRES DA CIDADE

A Câmara, a Misericórdia, S. Domingos...
S. Gonçalinho e S. Gonçalo,
O Carmo e as Barrocas...
Torres da minha infância

E ainda torres de agora,
Enquanto a vida não finda,
Enquanto a vida cá mora.

A Câmara, a Misericórdia,
Mil vezes vos contemplei
Com o olhar vos recortei,
No pano de fundo azul,
Ou por vezes de cinzento,
Se o vento sopra, se o vento
Sopra com força do sul.

S. Domingos...
S. Gonçalinho e S. Gonçalo...
Sempre no mesmo lugar,
A ria é que sobe e desce
Porque as torres, que são prece,
Estão sempre na praia - mar,
Talvez um pouco mais longe,
Talvez sim ou talvez não,
São o Carmo e as Barrocas
E eu aqui feito monge,
Em profunda adoração.

A Câmara, a Misericórdia, S. Domingos...
S. Gonçalinho e S. Gonçalo,
O Carmo e as Barrocas...
Torres da minha cidade
Que adoro desde menino,
Torres de ontem e de agora,
Quando, em jeito de saudade,
Dobrades um dia um sino,
Torres da minha cidade,
É porque me fui embora.

A.S. - Vou dizer mais um poema,
um soneto, porque estamos em
vésperas de Sta Joana:

De Afonso V filha idolatrada,
Do Príncipe Perfeito irmã dilecta,
Joana, do Senhor serva discreta,
Por Deus a entender predestinada.

Infanta por Infantes desejada,
Princesa singular, alma de asceta,
Em molde de humildade se projecta
No céu e nesta terra abençoada.

Não quis fausto, riqueza, ostentação,
Mas o recolhimento, em oração,
Buscando a luz na sombra do Mosteiro.

Da nossa diocese soberana,
Louvemos em amor Sta Joana
Num cântico divino, enchendo Aveiro!

A.S. - Podia estar aqui eterna-

mente a recitar, porque tenho muitos poemas.

S.A. - Em nome da Escola, muito obrigado por nos ter acolhido tão prontamente na sua própria casa, felicitamo-lo pela sua obra e prometemos tomá-lo como exemplo.

A.S. - Estou sempre à disposição, se necessário irei um dia às vossas aulas.

S.A. - Tínhamos muito gosto, até para o resto da turma o conhecer, tal como outros alunos.



Fonte da Praça do Peixe

COMO VÊM OS INDUSTRIAIS O PROBLEMA DO SALGADO

Entrevista realizada ao Dr. Amândio Canha,
sócio-gerente da *Vita Sal*.

Cláudia Raquel
Fernando Manuel

S.A. - Que tipo de empresa é a *Vita Sal*?

A.C. - É uma empresa familiar, pertencente ao tipo das pequenas empresas.

S.A. - Em que data foi fundada?

C.A. - A *Vita Sal* foi fundada em 1958.

S.A. - Por que foi escolhida esta localização?

C.A. - A localização foi escolhida em função da chegada da matéria prima, quer da proveniente do salgado de Aveiro, - proximidade do canal onde aportam os saleiros-quer da proveniente dos outros salgados e que é transportada pela via marítima.

S.A. - Actualmente, continua a constituir uma boa localização?



C.A. - Sim.

S.A. - Quais as origens do sal bruto utilizado?

C.A. - A maioria do sal bruto, utilizado pela *Vita Sal*, provém dos salgados do sul da França, da Figueira da Foz, do Tejo e uma pequena parte do de Aveiro.

S.A. - Então a quantidade de sal de Aveiro, utilizado na higienização, tem vindo a diminuir. Porquê?

A.C. - Devido a duas razões principais: uma, ligada ao processo de produção ainda artesanal, o que torna o sal de Aveiro pouco competitivo em relação ao preço

O Salgado é passado ? O Salgado é atraso ?

de venda, outra, ligada à técnica de fabrico que o torna difícil de higienizar, visto vir acompanhado duma certa quantidade de areia.

S.A. - Que meios de transporte são usados para a aquisição do sal em bruto?

A.C. A via marítima que assegura o transporte do sal até ao porto de Aveiro, que é complementada pelo serviço de camionagem pertencente à empresa.

S.A. Para que fins é utilizado o sal higienizado?

A.C. - Usa-se na alimentação e nas indústrias - conservas, têxtil, padarias, etc...

S.A. - Qual o mercado do produto final e como evoluiu nos últimos 20 anos?

A.C. - Abrange todo o país, incluindo os Açores. A exportação é pouco significativa, em pouca quantidade, para a Alemanha e Canadá. A área de mercado tem vindo a diminuir, devido ao aparecimento de outras fábricas concorrentes, localizadas no litoral do país.

S.A. - Que meios de transporte são utilizados na sua distribuição?

A.C. - A distribuição para Portugal Continental é assegurada por camiões da empresa e, para as Ilhas e Canadá, segue por via marítima.

S.A. - Referiu que os rendimentos auferidos pela empresa não só provêm da comercialização do sal higienizado, mas também da distribuição do sal em bruto. Isso significa que a acessibilidade da rede

viária é forte?

A.C. A construção do IP5 e a extensão das auto-estradas e respectivos acessos veio facilitar bastante o escoamento.

S.A. - Atendendo à realidade económica actual, considera a sua empresa economicamente viável?

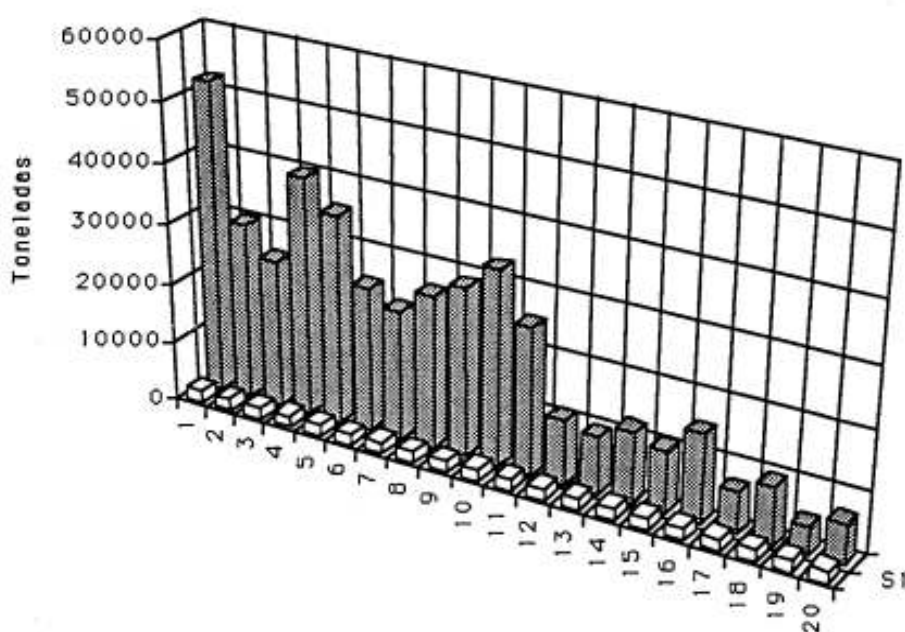
A.C. - Existem dificuldades, mas continuamos a ter esperança na viabilidade económica da nossa empresa, apesar da forte concor-

rência dos distribuidores, possuidores de fortes empresas de camionagem.

S.A. - Qual a sua opinião sobre o futuro do salgado aveirense?

A.C. - Se encararmos o problema do salgado apenas numa perspectiva económica, não sobreviverá muitos anos, mas entendendo que, por razões de ordem cultural, uma parte deve ser preservada.

Produção anual de sal nos últimos 20 anos -
Salgado de Aveiro



O SALGADO É PATRIMÓNIO QUE OS AVEIRENSES DEVEM DEFENDER

Dr. José Luis Christo, advogado aveirense, já foi Presidente da Cooperativa do Sal e vem-se apresentando como grande defensor da permanência da produção de sal na polémica que o futuro do salgado de Aveiro tem levantado.

Sara
Maria Teresa

S.A. - Qual a sua relação com o salgado?

J.L.C. - Porque nasci em Aveiro e porque sentimentalmente estou

ligado ao salgado, onde a minha família era proprietária de grande número de salinas. Numa das ilhas, passava férias; posso afirmar, pois, que uma parte da minha vida decorreu no salgado.

S.A. - É do conhecimento de todos nós, aveirenses, a crise profunda na área do salgado. No seu entender, quais as causas da crise?

J.L.C. - No meu entender, as causas estão ligadas às dificuldades de adaptação das salinas às novas técnicas, de modo a substituir-se o trabalho manual e à falta de navegabilidade dos canais que dão acesso às salinas.

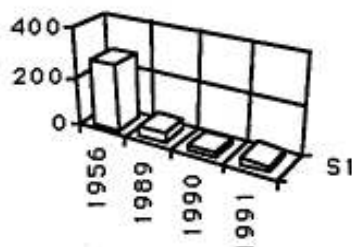
S.A. - Qual a reacção dos proprietários e dos marnotos face à crise?

J.L.C. - Em relação aos proprietários, há dois tipos de comportamento: os que não precisam das salinas para viver e que se tornam absentistas, não arriscando continuar a produção e os que, vivendo do seu rendimento, não têm capacidade económica para fazer a reconversão necessária. Por sua vez, os marnotos, técnicos de produção do sal, não estão interessados em prosseguir neste tipo de trabalho e, os poucos que resistem, já estão velhos.

S.A. - O que está a ser feito para se tentar resolver o problema?

J.L.C. - Praticamente nada e, dos conhecimentos que possuo, só uma intervenção global na ria poderia viabilizar a área do salgado. Como? Tornar os canais navegáveis, reforçarem-se as margens das divisórias dos compartimentos das sa-

Número de salinas em actividade a partir de 1956



linas e reconstruir-se a rede viária adequada. No entanto, não tem havido vontade política para que isso se torne realidade e o individualismo dos proprietários também não tem ajudado.

S.A. - Na sua opinião, qual o modelo de reconversão a realizar?

J.L.C. - Penso que, se as obras estruturais e globais que referi fossem feitas, não seriam necessárias grandes reconversões. As salinas poderão ter, inclusivamente, um aspecto físico praticamente idêntico ao actual, mas onde a energia eléctrica chegasse e as máquinas pudessem trabalhar a salina. Outro tipo de unidades de produção poderiam aparecer: áreas de pastagem, viveiros de peixe, áreas de aquacultura. Pontualmente, algumas destas reconversões já estão em funcionamento, só que não integradas num plano global para toda a "ria".

S.A. - Que tipo de intervenção tem tido a cooperativa do sal?

J.L.C. - A cooperativa é uma associação particular e, para que funcione, necessita de cooperantes. E como já atrás referi, a maioria dos proprietários são extremamente individualistas e só actuam quando se sentem directamente beneficiados. Não existe em Aveiro, nes-

te sector, aliás como noutros, um verdadeiro espírito associativista e cooperativista.

S.A. - Que opinião tem relativamente à construção da via, recentemente inaugurada e que atravessa o salgado?

J.L.C. - Concordamos na necessidade da sua construção, o que interrogamos é se não haveria um traçado alternativo que, embora também sacrificasse algumas salinas, porque construída mais a norte, protegeria o salgado dos ventos norte e não teria afectado tanto a paisagem.

As obras do Porto de Aveiro podem prejudicar mas também podem ser úteis. Por exemplo, na área da piscicultura, interessa que a água mantenha uma certa percentagem de sal marinho, de modo a que as águas doces, porque poluídas, não venham a comprometer a produção.

S.A. - Há normas de protecção do salgado impostas pela CE?

J.L.C. - Que eu saiba não. Há normas comunitárias que possibilitam ao Governo Português a obtenção de fundos para a realização de obras na "ria". Ainda não há muito tempo que foi publicado um artigo pelo Dr. Miranda, no semanário "O Litoral", que refere este problema. Lastima que, existindo normas de protecção ao ambiente, elas não estejam a ser aplicadas na nossa região. Não existem projectos que contemplem as obras estruturais a realizar em toda a "ria" e que facilitem a obtenção dos

Não existe em Aveiro, neste sector, aliás como noutros, um verdadeiro espírito associativista e cooperativista.

respectivos fundos. A Comunidade cria fundos e mecanismos que, para funcionarem, é preciso que os planos cheguem até Bruxelas. E para isso, particulares, Câmaras Municipais e Governo têm de ter vontade política para os realizar e defender. A dragagem da "ria", a regularização da água nos esteiros e a segurança das margens passam pelo plano global que referi.

S.A. - Pode-nos contar algo, passado na sua infância ou juventude que esteja relacionado com o salgado?

J.L.C. - Quando fui baptizado, meteram-me sal na boca e tossi. Um dia, numa das salinas da família, na ilha de Sama, resolvi ajudar um marnoto a rer o sal. Ao colocar os meus pés na salina, fiquei cheio de pintassilgos. Sabem o que são os pintassilgos nos pés? São os buraquinhos provocados pela salinidade excessiva. Sabem como faziam os marnotos para o evitar? Pincelavam a planta do pé com verniz que as senhoras usam para as unhas.

S.A. - Que razões vê para se manter a produção do sal?

J.L.C. - O sal deve continuar a ser produzido porque é a terceira

matéria prima do mundo e não há vida sem sal: ele está presente na alimentação e na indústria química. Não se pode invocar que o preço da custo da produção do sal aveirense é elevado, para que se deixe de produzir o sal de Aveiro. À escala mundial, os preços do sal são muito variados e a procura é elevada e existem países, nomeadamente africanos e asiáticos que, para além de utilizarem o sal na alimentação directa, também o usam na conservação dos alimentos. Então, o sal de Aveiro não poderá ter novos mercados? É evidente que, para tal acontecer, a rede viária terá de ser bastante melhorada...



OS VIVEIROS DE CRIAÇÃO INTENSIVA DE PEIXE, UMA SOLUÇÃO PARA O SALGADO DE AVEIRO?

Ouvimos o Sr. Mark George Hartog, administrador da empresa "Delvis" e responsável pela reconversão em viveiros de peixe de uma parte sul do salgado aveirense.

**Tatiana
Nuno Rafael**

S.A. - Qual o significado da palavra Delvis e em que tipo de empresa se insere?

M.H. - Delvis não tem qualquer significado. É uma palavra como outra qualquer. É uma sociedade anónima por acções. Os capitais são mistos - portugueses e holandeses.

S.A. - Quando se fundou?

M.H. - Em Portugal, a empresa é recente e data de 1986.

S.A. - Porque foi escolhida esta localização?

M.H. - Interessava-nos uma parte do salgado e contactámos a Universidade para obtermos alguns dados. Optámos por esta área porque é das poucas a que se pode ter acesso por terra.

S.A. - Qual a quantidade da área de salgado reconvertida?

M.H. - 150 hectares foram transformados em viveiros, numa área total de 4000 hectares ocupados por salinas.

S.A. - Em que consistiu a reconversão, ao nível da estrutura fundiária?

M.H. - A estrutura das salinas

FICHA TÉCNICA

COORDENADORA

Teresa Mafalda

JORNALISTAS

Tatiana, Patrícia e Marta

REPÓRTERES

Xavier e José Rui

COLABORADORES

Professores de Português, Ciências Naturais, Geografia e História

LAYOUT

Delfim, José Rui, Fátima Bóia e Céu Cruz

teve de ser totalmente alterada: destruíram-se as divisórias entre os diferentes compartimentos, aprofundaram-se os fundos, e, toda a salina se transformou num viveiro, ligado aos canais por um sistema de comportas por onde a água da laguna entra e sai.

S.A. - O que está a ser produzido actualmente e em que quantidades?

M.H. - A produção actual ainda é pouco significativa. A maioria dos viveiros encontra-se em construção. Neste momento, produz-se em três viveiros cuja produção, no ano passado, foi à volta de 15 toneladas.

S.A. - Qual o destino actual da produção?

M.H. - Depende da espécie: a dourada, pouco utilizada na gastronomia portuguesa, é expor-

tada para a Itália e Espanha e constitui a maior produção; o robalo e a enguia são para consumo interno e vendidos praticamente aos restaurantes.

S.A. - Que perspectivas têm para o futuro e que tipo de mercado pretendem alcançar?

M.H. - Cada vez há menos peixe nos mares, daí que a única alternativa seja a piscicultura. A procura de peixe para a alimentação, porque mais saudável, tem vindo a aumentar e não podemos esquecer o aumento demográfico. Actualmente, a rede comercial principal é portuguesa, visto que a produção é pequena. A expansão da rede a um maior mercado será possível quando a produção for grande, só assim se podem contrabalançar os gastos relativos ao transporte de grande raio.

S.A. - Que factores de produção são necessários e onde são adquiridos?

M.H. - O alimento para os peixes, e os próprios peixes, uns são capturados directamente da "ria" mas, a maioria vem de viveiros de criação do Algarve, em camiões tanque onde são produzidos artificialmente.

S.A. - A actual rede de transportes dá hipóteses à expansão da empresa?

M.H. - A rede rodoviária precisa de ser traçada para alta velocidade e para grandes veículos de modo a garantir a chegada do peixe para criação em boas condições, senão corre-se o perigo de a água do tanque se tornar poluída, por excesso de amónia que se vai desenvolvendo.

S.A. - A empresa criou, na área, postos de trabalho? Quantos?

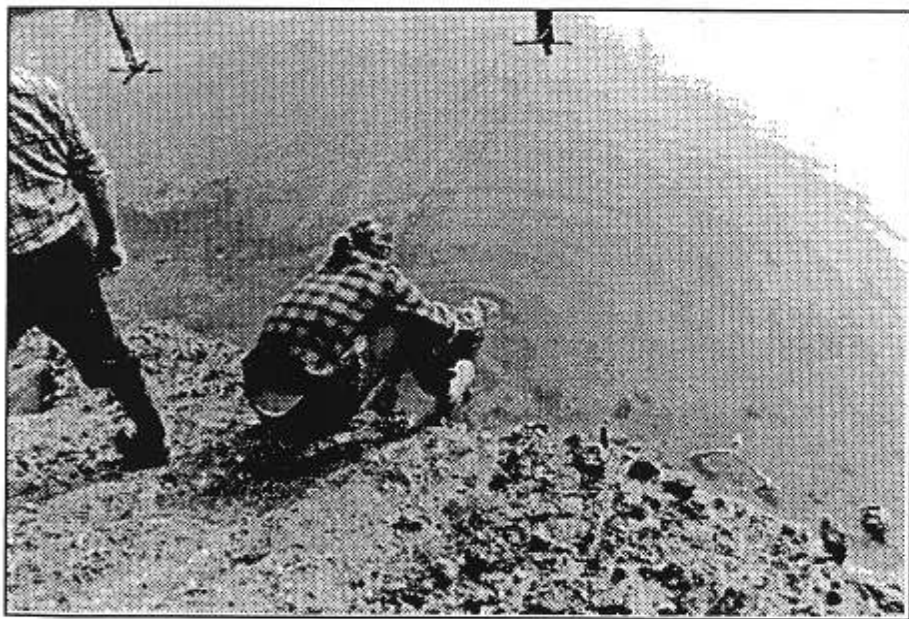
M.H. - Até ao momento, treze postos de trabalho.

S.A. - Com a reconversão produziram-se alterações no equilíbrio ambiental local?

M.H. - No impacte ambiental, a piscicultura intensiva torna-se poluidora das águas, se não se tomarem certos cuidados. São utilizados filtros na entrada e saída das águas nos viveiros.

S.A. - Que medidas, para preservação do património natural, foram tomadas?

M.H. - Já considero respondido.



REVIVER O PASSADO, A ARTE NA VIDA.

No dia 25 de Maio do ano 3000, foram descobertos, em escavações arqueológicas, vestígios de salinas soterradas nos anos idos de 1990.

Postas a leilão, foram adquiridas pela nossa comunidade escolar, a

escola de José Estêvão.

Está já em execução, pelos nossos artistas plásticos do Canto das Artes, um projecto de reabilitação da área, como um Fresco de Memória. Esta ideia nasceu duma investigação por eles realizada na



Biblioteca da escola, onde descobriram o trabalho executado pelos colegas do 7ºD, na Área-Escola, nos idos de 1993 e que lhes serviu de inspiração.

Tatiana, Teresa Mafalda